

os aprendizes não quiseram ouvi-los por mais tempo. Os monstros que eles próprios haviam criado envenenaram-lhes o coração, dizendo-lhes que a escola era absoluta propriedade deles, que deveriam dominar em torno de suas residências como verdadeiros e únicos senhores.

Em breve, os filhos do Grande Rei, esquecendo os deveres que lhes cabiam desempenhar, começaram a humilhar, derrubar e perseguir. Destruíram árvores veneráveis sem plantar outras que as substituíssem; organizaram caçadas aos animais pacíficos, matando-os sem necessidade; aprisionaram os pássaros e passaram a fazer o que é mais doloroso — combateram-se uns aos outros em guerras de sangue, deixando misérias e ruínas atrás de seus passos. Para adquirirem supremacia e poder, honras e autoridade, assassinaram mulheres e crianças, velhos e doentes incapazes de fazer mal.

— /// —



XIII

Dádivas menosprezadas

Grande Rei, a princípio, não levou em consideração tamanhos desatinos.

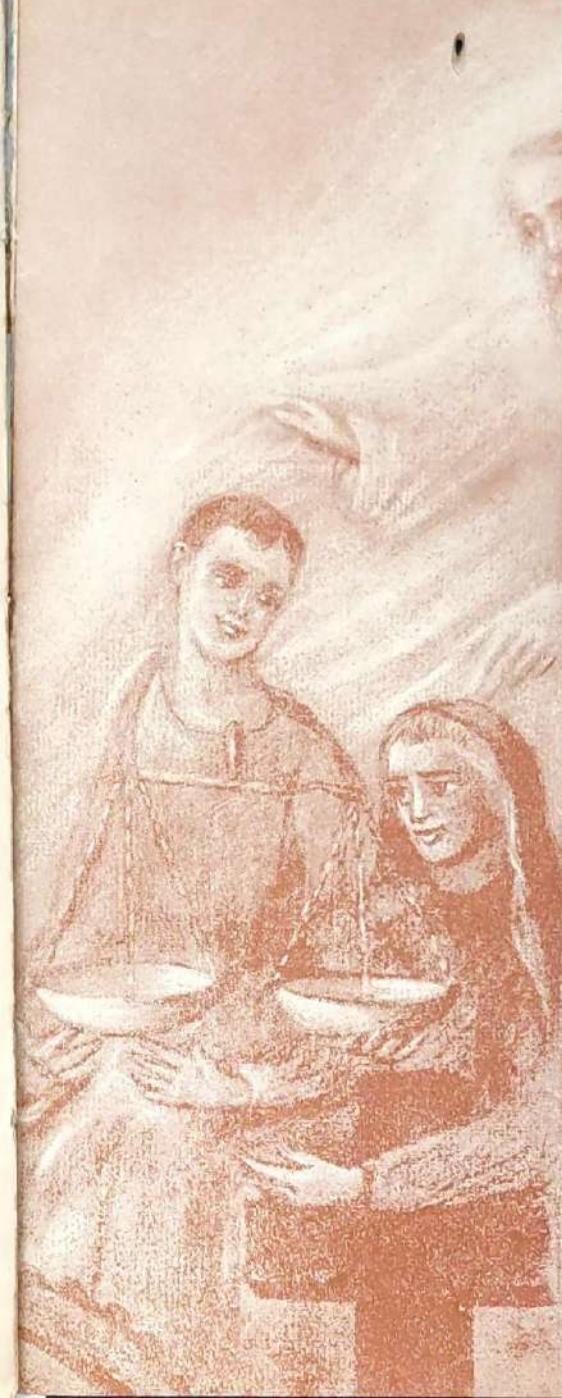
— “Os filhos eram ainda muito jovens” — afirmava ele aos cooperadores fiéis.

E, interessado em auxiliar os pequenos príncipes com todos os recursos ao seu alcance, mandou que os messageiros lhes trouxessem embarcações para incentivar as relações amigas uns com os outros; maquinaria com que revolvessem o solo, facilitando os serviços da lavoura; carros para auxiliá-los nos transportes e teares para a confecção de tecidos diversos. Preocupado, ainda, em tornar a vida mais agradável na grande escola, o Pai Amoroso determinou aos colaboradores que ensinassem aos príncipes o alfabeto com que

pudessem fixar os pensamentos, a arte para embelezarem o santuário doméstico e a indústria e o comércio a fim de desenvolverem a fraternidade e o espírito de serviço.

Os filhos do Grande Rei, todavia, longe de se aproveitarem de tantos bens para serem mais sábios e compassivos, utilizaram os recursos divinos para fomentar a discórdia e a destruição, chegando alguns deles a sustentar o secreto desejo de serem mais poderosos que o próprio Pai, aniquilando-o, talvez.

— // —



XIV

Preocupações do Pai

Soberano, embora fosse tão ofendido, não se revoltou nem se magoou, porque todo pai tem reservas infinitas de amor.

Observando, porém, que os filhos lhe desobedeciam às ordens, perturbando a harmonia da escola e destruindo os próprios bens, convocou nova reunião dos colaboradores, de modo a ouvi-los sobre as providências que lhe competia tomar.

Reconhecendo as justas preocupações do Rei, os conselheiros passaram ao movimento de opinião.

Um deles considerou que seria melhor destruir o educandário e começar outra experiência educativa.

Outro consultou o Soberano quanto à possibilidade da aplicação de pesa-